

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondencia dirigida a Anselmo de Souza.

Terça-feira 15 de março de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	500 .
Numero avulso	60 .
Annuncios preço convencional	

SUMMARIO

O Tiro Civil—Os desafios de tiro à bala—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes—Associação dos Atiradores Civis Estrella—Descançar armas, por J. RIBEIRO—As licenças de porte d'arma—O defezo—Sociedade de tiro aos pombos—Um gamo—Caçar—Eram uma vez... quatorze perdizes!—Bullhão Pato, por ZACHARIAS D'ACA—Real Velo-Club do Porto, por PEDAL CHICO—Velo-Club de Lisboa—Gymnasio Club Figueirense—Um alvitre—Sport Estrangeiro, por F. FLAVIO—Jorge Cadete, por E. D'A.—Salvador Sanchez Povedano (*Frascueto*)—Carta de Madrid—Telegrammas, por E. D'A.—Garraçada—Caso veridico, por E. D'A.—Exposição da Imprensa—As nossas gravuras—Correspondencia.

GRAVURAS

Raymundo Antonio de Bullhão Pato — Caçada aos patos e galinheiros — Jorge Cadete — Yact «Lia».

O TIRO CIVIL

No dia 7 d'este mez fez trez annos que sahiu o primeiro numero d'esta revista; durante este tempo, temos feito todos os esforços para a melhorar consideravelmente, o que se nos affigura temos conseguido.

Se bem que obrigados a uma luta superior ás nossas forças, o que por vezes nos levou, quasi, á descença de podermos sahir victoriosos

d'ella, hoje sentimo-nos com alento, mais do que o preciso, para continuar.

Essas forças provêm-nos das sympathias que todos os dias nos são testemunhadas, quer pelos nossos estimaveis assignantes, cujo numero augmenta muito sensivelmente, deixando-nos prever um futuro menos atribulado: quer pelos favores que muitos nos dispensam em collaboração e por collegas da imprensa, muito que-



Raymundo Antonio de Bullhão Pato

P ceta e prozador eximio. Socio de merito da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Distincto amador e escriptor venatorio

ridos, que todos os dias nos incitam com as suas amáveis referencias.

A todos pedimos a continuação do seu generoso apoio, e por elle, o nosso vivo reconhecimento.

TIRO

Os desafios de tiro á bala

No domingo 6 realisou-se o 2.º desafio de tiro ao alvo na carreira em Pedrouços.

O dia esteve desagradavel e encommo-do, no entanto a concorrencia foi regular, e parece-nos augmentará, n'estas sessões preparatorias, para o grande concurso nacional.

O fogo começou á 1 hora da tarde, pouco depois chegava El-Rei á carreira, acompanhado pelo sr. coronel de engenheiros Duval Telles, seu ajudante d'ordens. El-Rei fez-se acompanhar de duas das suas carabinas, com que, como sempre, fez magnificos tiros ao alvo.

A convite do sr. director da carreira o apuramento das minutas e a classificação dos atiradores foi feito pelos srs. Eduardo Noronha e Arcadio de Menezes.

As condições do torneio eram as mesmas que publicámos no nosso numero passado. Inscreveram-se 47 atiradores dos quaes 29 empregaram 50 % dos tiros feitos,

SESSÃO 13 DO CORRENTE

COM um magnifico tempo começou o fogo ao meio dia e meia hora; a concorrencia foi superior á das duas ultimas sessões. Mais atiradores e mais publico a gozar o magnifico espectáculo que apresenta a nossa carreira quando a linha de fogo está completa de atiradores e o fogo é constante.

El-Rei não esteve, como nos outros domingos, na carreira.

Os dois premiados com os premios de 5\$000 réis, são sargentos do exercito, classe onde temos magnificos atiradores; o primeiro é do regimento de infantaria 7 e o segundo pertence ao regimento n.º 4 de cavallaria.

O nosso bom amigo o sr. Gonçalo Heitor Ferreira é a segunda sessão em que ganha o primeiro premio, o que nos não surprehende, por isso que é nossa opinião que o sr. Ferreira é o nosso primeiro atirador, temos na carreira quem muitas vezes o igual e lhe fique superior em classificação, mas este atirador tem sobre os seus camaradas a grande superioridade de manter as suas percentagens é por isso o que mais probabilidades tem de ganhar; mais firme e menos nervozo, sem vaidade e sem pressa, podemos dizer que é o atirador mais correcto da nossa carreira.

O sr. Felisberto Guedes, premiado na sessão de 6 do corrente, com 5\$000 réis, offereceu esta quantia ao sr. director da carreira, para melhoria do rancho das praças, alli em serviço; applaudimos, pois que aquelles rapazes pelo muito trabalho que alli tem, e pela sua boa disciplina, são merecedores d'essa delicada lembrança.

Os atiradores inscriptos na poule foram 52, d'estes obtiveram 50 % 31. Fizeram-se ao todo 1990 tiros, sendo na poule 1560.

As classificações foram feitas pelo sr. Eduardo Noronha e pelo director d'esta revista; seguem os mappas:

Sessão de 6 do corrente

Numero de ordem	NOMES	ALVOS						Premios	Periodo de matricula na carreira		
		300. ^m circular			200. ^m fig. de joelhos		200. ^m re-petição				
		Vermelhas	Branças	Total	Altas	Baixas				Total geral	
1	Gonçalo Heitor Ferreira	3	5	8	9	1	7	8	25	10\$000	1893 a 1896
2	José Thomaz Coelho	2	5	7	9	6	1	7	23	10\$000	"
3	Jayme Aldim	4	3	7	8	3	4	7	22	6\$360	"
4	Antonio Gonçalves Santiago	3	4	7	7	5	3	8	22	6\$360	"
5	Roberto Rogenmozer	3	4	7	6	5	4	9	22	"	"
6	Manoel José de Magalhães	2	5	7	8	2	4	6	21	"	"
7	Gil Portocarrero	1	6	7	7	1	6	7	21	"	"
8	Oscar Blanc	3	3	6	7	6	2	8	21	5\$000	1897 e 1898
9	Luiz de Arede Correia Saraiva	0	6	6	8	4	3	7	21	"	1893 a 1896
10	Maximiliano Hermann	1	4	5	10	0	6	6	21	"	"
11	Joaquim de Sousa Padesca	4	5	9	10	1	0	1	20	"	"
12	Manoel Rodrigues Formozinho	3	4	7	6	2	5	7	20	"	"
13	Ignacio Franco	2	5	7	7	2	4	6	20	"	"
14	Antonio Correia Pinheiro	4	2	6	7	2	5	7	20	"	"
15	Manoel Joaquim Lino	1	4	5	8	3	4	7	20	"	"
16	Antonio José Gomes	3	1	4	8	2	6	8	20	5\$000	1897 e 1898
17	Guilherme Henriques	1	3	4	8	2	6	8	20	"	1893 a 1896
18	Ligorio Silvestre da Silva	0	3	3	9	4	4	8	20	"	"
19	João Consiglieri Pedroso	4	2	6	6	2	4	6	18	"	"
20	Antonio Dias Falagueiro	2	5	7	4	1	5	6	17	"	"
21	Joaquim Carrilho Garcia	2	2	4	7	1	5	6	17	"	"
22	Pedro Augusto de Vasconcellos	2	2	4	10	0	3	3	17	"	"
23	Manoel Martins d'Almeida	2	2	4	6	3	3	6	16	5\$000	1897 e 1898
24	J. Fraga Pery de Linde	0	3	3	6	2	5	7	16	"	1893 a 1896
25	Alexandre Leuzinger	2	5	7	4	1	3	4	15	"	"
26	Felisberto Guedes	2	4	6	2	5	2	7	15	5\$000	1897 e 1898
27	João Pedro Fernandes	1	5	6	4	2	3	5	15	"	1893 a 1896
28	Nicolau Taylor Vianna	0	5	5	7	1	2	3	15	"	"
29	Gustavo José de Jesus	1	4	5	7	2	1	3	15	"	"

Sessão de 13 do corrente

Numero de ordem	NOMES	ALVOS						Premios	Periodo de matricula na carreira		
		300. ^m circular			200. ^m fig. de joelhos		200. ^m re-petição				
		Vermelhas	Branças	Total	Altas	Baixas				Total geral	
1	Gonçalo Heitor Ferreira	2	6	8	9	3	5	8	25	10\$000	1893 a 1896
2	Antonio Correia Pinheiro	2	7	9	7	2	6	8	24	6\$360	"
3	Antonio Gonçalves Santiago	6	2	8	7	6	3	9	24	"	"
4	Joaquim Carrilho Garcia	3	4	7	8	5	4	9	24	"	"
5	Nicolau Taylor Vianna	0	5	5	9	4	6	10	24	"	"
6	Roberto Rogenmozer	5	2	7	10	5	1	6	23	"	"
7	Alfredo Lopes de Azevedo	2	5	7	8	6	2	8	23	"	"
8	Manoel José de Magalhães	2	5	7	7	2	6	8	22	"	"
9	José Thomaz Coelho	1	3	4	10	4	4	8	22	"	"
10	Alexandre Leuzinger	4	4	8	6	0	7	7	21	"	"
11	Pedro de Vasconcellos	3	5	8	7	2	4	6	21	"	"
12	João Consiglieri Pedroso	3	5	8	6	2	5	7	21	"	"
13	Henrique Dumora	6	2	8	6	3	3	6	20	"	"
14	Eduardo Jayme Aldim	3	4	7	5	2	5	7	19	"	"
15	Gil Portocarrero	2	5	7	5	3	4	7	19	"	"
16	M. Hermann	3	2	5	9	1	4	5	19	"	"
17	Augusto de Seixas	3	2	5	8	2	4	6	19	"	"
18	Ignacio Franco	2	6	8	3	2	5	7	18	"	"
19	Francisco Gonçalves Rita	5	2	7	3	4	4	8	18	5\$000	1897 e 1898
20	João Pedro Fernandes	1	6	7	3	1	4	8	18	"	1893 a 1896
21	Manoel Cosme Gomes	2	3	5	5	5	3	8	18	"	"
22	João de Moraes Carvella	1	4	5	6	5	2	7	18	"	"
23	Manoel Antunes Barata	2	1	3	10	3	2	5	18	"	"
24	Antonio Dias Falagueiro	2	4	6	6	2	3	5	17	"	"
25	J. Fraga Pery de Linde	2	4	6	3	7	1	8	17	"	"
26	Germano Augusto Moreira	1	5	6	5	4	2	6	17	5\$000	1897 e 1898
27	Gustavo José de Jesus	2	6	8	5	3	0	3	16	"	1893 a 1896
28	Julio Augusto Mourão	3	2	5	5	5	1	6	16	"	"
29	Antonio Joaquim da Silva	1	4	5	4	2	4	6	15	"	1897 e 1898
30	Manoel Antunes Ribeiro	1	3	4	6	3	2	5	15	"	1893 a 1896
31	Luiz d'Arede Correia Saraiva	1	3	4	6	2	3	5	15	"	"

Associação dos Atiradores Civis Portuguezas

Na noute de 9 do corrente reuniu a direcção d'esta associação estando presentes os srs. Palermo de Faria, presidente; Fraga Pery de Linde e Claudio Castel-branco, secretarios; José Ayres, thezoureiro e Joaquim de Sousa Padesca, Lucas da Silva e Anselmo de Souza, vogaes.

Depois de lido o expediente, declarando o thezoureiro existir em cofre 54\$000 réis

resolveu-se pagar o credito de Eduardo de Novaes, photographo na importancia de 14\$080 réis, auctorisou, o thezoureiro a pagar a contribuição da renda da caza relativa ao 2.º semestre do anno findo, sorteando-se duas das obrigações emittidas em novembro de 1896, saindo o n.º 29 do sr. Antonio Jacintho David e n.º 35 do sr. Albino Tavares da Silva.

Em seguida o sr. Anselmo de Souza, como delegado da direcção, para tratar da fusão das associações, expoz os traba-

lhos feitos n'este sentido declarando ter havido uma reunião entre elle e os srs. dr. Cunha Bellem e Eduardo de Noronha, da associação *Estrella* e o sr. tenente coronel, Antonio Julio de Sousa Machado, socio honorario das duas associações.

N'essa reunião discutiu-se as bases geraes da *União* ficando todos no mais perfeito accordo, assim como sabia que o grupo do Atheneu tambem aceitava a *União*.

O sr. Souza Machado promptificou-se a saber se o *Grupo Patria* queria adherir á *União*.

As bases geraes para o accordo da união são as seguintes:

Sob o titulo *União dos Atiradores Civis Portuguezes* far-se-ha a junção das duas associações de atiradores que existem e dos grupos que quizerem adherir.

A séde da *União* será na carreira de tiro, mediante a auctorisação do ministerio da guerra; ficando por este facto livre de todas e quaesquer despesas.

Poderão fazer parte da união todos os cidadãos portuguezes em uso pleno dos seus direitos civis e politicos. Os estrangeiros podem fazer parte da *União* como socios extraordinarios.

Os corpos gerentes serão constituídos por um Conselho director composto por 15 socios ordinarios, elegendo de entre si, uma commissão executiva de 5 membros.

Haverá socios honorarios, extraordinarios e ordinarios d'estes ultimos se constituirá a secção de atiradores.

Para fazer parte d'esta secção é preciso ter frequentado a carreira e apresentar documento official em que comprove ter obtido a media de 50 %o. Esta secção é a que terá de ser convocada a dar parecer sobre assumptos technicos.

O passivo das duas associações passa a cargo da *União* que o amortizará no mais breve espaço de tempo possivel.

As receitas da *União* serão todas exclusivamente gastas em promover por todos os meios a concorrência á carreira: barateando o preço do tiro, estabelecendo premios mensaes, trimensaes e annuaes, etc.

A *União* terá por unico fim procurar por todos os meios ao seu alcance promover o desenvolvimento da educação de tiro nacional, tanto em Lisboa como por todo o paiz.

A installação da *União* e a redacção dos regulamentos, quer geral, quer parciaes, será confiada a uma commissão installadora, composta de II membros, tirados dos diferentes agrupamentos e eleitos nas proximas assembleas geraes, por lista completa de II nomes.

Em seguida á exposição do sr. Anselmo de Souza, o sr. Palermo de Faria disse approvar as bases, taes como estão, dizendo ser sua opinião que seria talvez aquelle o unico meio de salvar o tiro nacional. Todos os membros da direcção se pronunciaram pela mesma forma resolvendo-se em seguida officiar ao sr. presidente da assemblea geral para convocar esta.

O sr. Anselmo de Souza propoz e foi approvado que nos avisos pessoaes aos socios, para a assemblea geral, se indicasse a estes, quaes os motivos da reunião e além disso as bases da *União*.

Em seguida foi levantada a sessão eram II horas.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

REUNIRAM OS corpos gerentes em 9 de março, sob a presidencia do sr. dr. Cunha Bellem, que participou ter sido

procurado pelo sr. tenente coronel Sousa Machado, que muito se tem interessado pela implantação do tiro civil em Portugal. Este cavalheiro, ponderou-lhe a necessidade de se ligarem no mais curto praso de tempo as collectividades de tiro existentes, afim de que a uniformidade de esforços e de pensamentos, podessem convergir com mais proficuos resultados para o engrandecimento da patriótica idéa que está no animo de todos os atiradores civis, tal como a do desenvolvimento da frequência da classe civil, á instrucção de tiro de guerra.

Expoz tambem, as innumeradas vantagens que adviriam da *União* dos atiradores, a enorme redução de despesas que se evitariam abolindo sédes, e, consequentemente o grande augmento de receitas, applicadas unicamente á propaganda pratica.

Declarou o sr. dr. Cunha Bellem que concordando em absoluto com a opinião do sr. Souza Machado, a expunha aos corpos gerentes para sobre ella deliberarem; usaram da palavra os srs. Eduardo Noronha e Garvalho Gandara pela direcção e Manuel Nunes Ferreira pelo conselho fiscal. Concordando todos com a *União* d'atiradores, resolveu-se convocar a reunião da assemblea geral, que o sr. dr. Cunha Bellem como presidente, determinou para 23 do corrente, afim de lhe ser presente a proposta e as bases principaes, sobre que se assentou de vez ser feita a *União*, e que são as mesmas que publicamos na noticia que se refere á Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

N'uma proxima reunião será indicada a commissão encarregada de instalar e effectuar todos os trabalhos concernentes á fundação da *União*.

CAÇA

Descançar armas

CHeguei o defezo, e agora, mais que nunca, relembram os tiros bem errados, para que, no proprio momento, se encontraram attenuantes, que nos absolveram perante o nosso fóro intimo d'aquelles negros peccados venatorios, relembram as nossas infelicidades cynegeticas, os nossos desastres, fazem-se planos de grandiosas caçadas, consultam-se os mais afamados magos sobre a entrada das codornizes e sobre a procreação da caça de pélo e de penna, se a estação primaveril, em que vamos entrar, e os primeiros mezes de verão lhes serão propicios, e todos mesmo os velhos como eu e como o meu venerando amigo D. Francisco — o genio mais jovial e expansivo de caçador que eu conheço, e que só, no monte, ha poucos mezes ainda, é que principiou a reconhecer que tem mais de 24 annos — principiámos a alimentar a fagueira esperança de melhores dias de caça, e de que nos abandonará a *macaca* que nos perseguia sempre.

(E a proposito d'esta *macaca* de caçador, abro um parenthesis para contar aos meus confrades o que me succedeu ha annos:

No logar de Bulfiar, da minha freguezia d'Agueda, vivia uma beata, muito velha já, vesga, estremamente feia, uma verdadeira megéira, que eu encontrava sempre que atravessava de madrugada, a

ponte de Abbadinhos para ir aos coelhos para a Borralha. Passava por mim e pelos meus companheiros com a cara meia velada por um trapo, que fóra preto — venerando fragmento d'uma mantilha que foi nova —, e, francamente nenhum de nós, se sentia bem com o encontro d'este passado de mau agouro.

Esta má impressão ia desaparecendo, á medida que nos affastavamos da negregada brucha, mas chegavamos ao monte, e, — ou os cães não tinham narizes, ou os coelhos se erravam, — as caçadas eram sempre más; *influenzia nefasta da brucha*.

N'uma das madrugadas, em que voltavamos aos coelhos para a Borralha, um lembrou seguirmos outro caminho mais longo, — para não encontrarmos a *beata*: nada, disse eu; quando a encontrarmos, *deitamos todos a fralda das camisas de fóra*. Dito e feito; ao apparecer a velha, fraldas de fóra; e fizemos uma caçada esplendida de vinte e tantos coelhos.

Depois d'ahi por deante ao encontrarmos a velha, todos nós, á uma, sem acódo previo, expunhamos ao ar fresco da madrugada a fralda das nossas camisas. Mas nunca mais vieram outros vinte e tantos coelhos, apesar de ser a mesma a nossa fé, e as fraldas não fazerem sensível differença!

Já lá vão talvez vinte annos, e ainda hoje, apesar de não encontrar *bruchas* no meu caminho, e de saber, que a minha fralda não tem o poder d'outrora, não posso furtar-me á tentação de repetir o facto d'Abbadinhos, sempre que a sorte na caça me é adversa.)

Pois como ia dizendo, principiam já a lembrar-nos as nossas derrotas, e a fervilharem no nosso espirito planos grandiosos de infalliveis victorias nunca assás cantadas, que hão de compensar-nos largamente dos desastres soffridos. E mudem lá a natureza humana!

Antes, porém de se deixar enlevar por estas visões lindas de futuro, e empolgar por tristes recordações, o caçador providente, vigilante, methodico e economico, deve ter hermeticamente fechada na sua caixa a sua espingarda, bem limpa, bem untada, o seu calçado de caça igualmente bem acondicionado, polainas, etc, os cartuchos carregados, que lhe ficaram das suas caçadas, isolados de qualquer humidade, os cães purgados, etc., etc. e só depois de cumpridos todos estes deveres de caçador providente e providente, é que pode deixar vogar a sua ardente imaginação de caçador por montes e valles, como elegante gavina em ceruleo mar. Enthusiasme-se a ver os prados em flôr cobertos de elegantissimas lebres, e de matreiros coelhos, os montes olorosos povoados de donairosas perdizes, os campos d'esmeralda com uma enchente enorme de allegres codornizes. Envaideça-se a ver o seu finissimo perdigueiro *bem parado* a uma banda de perdizes, e intõe festivas hossanas ao nosso patrono Santo Huberto por ter derubado com dois tiros, quasi simultaneos, duas magnificas perdizes.

Como é producto da sua ardente imaginação, ou sonho lindo do seu espirito fantasista, pode fazer tudo isto, e ver muito mais do que isto.

Mas vamos á triste realidade das cousas.

E' certo que ficou bastante caça para a reprodução, devido, principalmente aos effeitos d'esta estiagem que parece não ter fim. O terreno conservou-se sêco, aspero, e os cães, em geral, perdiam a caça

e esta estava fina, sempre alerta, *levadinha da bréca*, como diz o meu compadre.

Mas... temos as mesmas leis, os mesmos regulamentos, as mesmas posturas municipais, do defezo passado, e os *mesmissimos executores*.

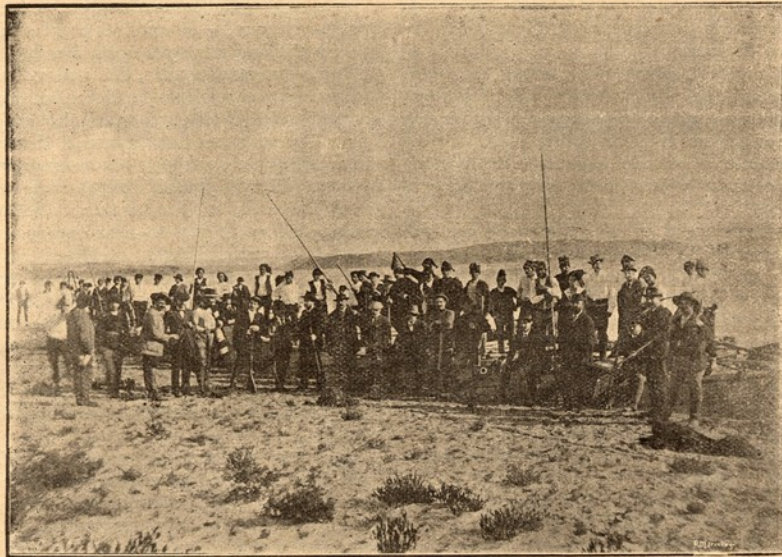
Todos esperavamos ter já uma lei geral sobre caça, ou pelo menos que estivesse feito o projecto para ser presente ao parlamento.

mas de fogo custem o mesmo em toda a parte, e o Estado só tem a *lucrar com isso* uma vez que este serviço corra pelas repartições de fazenda. Não sendo assim, nem é rendoso, nem igual, nem proveitoso.

Mais ainda:

O imposto dos cães deve ser tambem cobrado pelos escrivães de fazenda.

Por tudo isto, e *muchas cosas más*, é



Caçada aos patos e galeirões na lagôa d'Obidos

Grupo de caçadores da Associação dos Caçadores Portuguezes, na caçada realizada em 22 de janeiro ultimo. De uma photographia

A distincta Associação dos Caçadores Portuguezes, a quem os caçadores muito devem já, occupou-se creio eu, de tal projecto, e o seu illustre presidente chegou a dizer-me, que trabalhava n'elle.

Mas... não o temos ainda.

A guarda fiscal que, em Lisboa, presta relevantes serviços agora na epoca do defezo, aqui, e no resto do paiz continental, nada faz; não tem *ordens*. A razão d'isto? Pode alguém dal-a?

Altos mysterios que os simples mortaes não comprehendem.

Por tanto continúa tudo como d'antes. Mais:

A guarda fiscal que teve instrucções rigorosas para perseguir por causa das licenças de porte d'arma de fogo, os caçadores do Porto e de Lisboa, e que ainda mantem essa fiscalisação rigorosa, nos outros pontos d'este *grrrande* e bello paiz não se importou, nem se importa com os portadores d'armas de fogo!

Sabe alguém dizer-me a razão d'esta excepção? Os cofres publicos precisarão só do dinheiro dos caçadores d'estas duas cidades? estarão já tão cheios, que não comportem o dos caçadores do resto do paiz?

Os caçadores de Lisboa e Porto não passam por um guarda fiscal, que não tenham logo d'apresentar o salvo-conducto da licença d'arma, nos outros concelhos, nas outras terras de Portugal, estes bonzos da policia fiscal não tem *ordens* para perguntar por taes licenças, e os caçadores passam incolumes por elles; o governo não precisa do seu dinheiro!

Isto é um paiz unico.

E comprehende-se a influencia d'esta falta d'ordens homogeneas para a guarda fiscal espalhada por todo o paiz, tanto em relação ás armas de fogo, como á apprehensão de caça, participações contra caçadores, etc.

Mais:

E' preciso que as licenças de porte d'ar-

melhor sonhar fazer caçadas na loja do bom constitucional Garcia e sob a sentinela vigilante da bronzea estatua do rei soldado, do que esperar tão cêdo abundancia de caça pela rigorosa fiscalisação do defezo da caça.

Quando acabará a selvageria de andar á caça dos ninhos das perdizes para as vender, comer, e destruir?

Quantos milhares de perdizes se inutilizam só assim? E como evitar tal vandalismo?

A punição é alguma coisa, mas seria preciso esclarecer, missionar, pelos parochos, administradores, regeneradores, etc.

Em todo o caso, é forçoso confessar, que se tem feito bastante já, em pouco tempo, no sentido d'augmentar esta nossa riqueza nacional da caça, e que, se não pararmos, não precisaremos cá, nós os caçadores, de *tutella e fiscalisação estrangeira*. Amen.

O correio entregou-me agora o *Tiro Civil*. O Ex.^{mo} Sr. H. Olavrac, contando excellentemente, o que a Associação dos caçadores Portuguezes tem conseguido, e o que espera conseguir, corrobora parte do que deixo escripto, e frisa bem, quanto ella é digna de louvor, e bem merece de todos os caçadores.

Ao seu benemerito Presidente da Direcção, e meu amigo dr. Paulo Cancellia, e a toda a Direcção, o testemunho da minha admiração, e os meus vivos applausos.

Porto, 6.

J. RIBEIRO.

As licenças de porte d'arma

SOBRE este assumpto, que tanto interessa a todos os caçadores, recebemos a seguinte carta, á qual respondemos com muito prazer:

Sr, Redactor:

Em o numero do seu sympathico jornal, correspondente a 15 de fevereiro ultimo, vem publicada a legislação existente sobre o imposto do sello de licenças para uso e porte de armas, e sobre a concessão das mesmas licenças.

Parece-me, porém, que ha equivoco na citação das disposições do Codigo Administrativo, que regulam a concessão, pois que actualmente não é o codigo de 17 de julho de 1886 que está em vigor e sim o que foi approved por carta de lei de 4 de maio de 1896. Por isso julgo que está alterada a disposição do art.º 243.º por v. citada, sobre a concessão da licença, que não só em Lisboa e Porto pertence hoje aos governadores civis, mas tambem em todas as capitães de districto, como se deprehende do art.º 278.º n.º 22.

Agora permita v. duas perguntas, cujas respostas espero dever á esclarecida competencia de v.

—Um individuo residente na capital de qualquer districto, pessoa das relações do administrador de um dos concelhos do referido districto (não o da capital do mesmo) e que costuma ir á cabeça do concelho onde reside o tal administrador, pode ali tirar licença de uzo e porte de armas, ou só a deve tirar na capital do districto onde reside oficialmente?

—Os administradores dos concelhos podem, por uma simples circular do governo civil, ser prohibidos de passar as referidas licenças, embora conheçam os individuos que as desejam e julguem de justiça deferir-lhes as petições que lhe façam n'este sentido?

Muito grato ficaria a v. se se dignasse esclarecer-me sobre estes pontos, citando-me a legislação em que por ventura se possa fundar um governador civil para dar as ordens a que venho de referir-me, legislação que, francamente desconheço.

Agradecendo antecipadamente estas finezas, sou, com a maxima consideração,

De v. etc.

CAÇARRETA.

Quanto ao equivoco de ser o codigo administrativo de 1896 e não o de 1886, tem razão o nosso correspondente; como é claro, pelo n.º 22 do artigo 278.º do primeiro codigo citado, é aos governadores civis, nas sedes dos districtos, que compete a concessão a passagem das licenças.

A's duas perguntas que nos faz, respondemos:

—Qualquer individuo pode tirar licença de uso e porte d'arma no concelho onde lhe approuver, contanto que ahi seja conhecido.

—Os governadores civis não podem prohibir que os administradores do concelho passem licenças de uzo e porte d'arma, excepto, se essa ordem fór dada por motivo policial e de ordem publica, mas n'este caso deve ser prohibição absoluta e não só para os de fora do concelho.

Esta é a doutrina sobre o assumpto e não pode haver outra, nem pretexto para qualquer outro procedimento.

O defezo

O nosso estimado collega *A Folha de Beja*, de Beja, no seu numero de 3 do corrente, sob o titulo *Caça*, publica o seguinte appello que muito applaudimos e desejavamos ver seguido por toda a imprensa do paiz; infelizmente, não acontece assim, pois ha collegas em que nunca vimos uma queixa ou reclamação contra as selvagerias que se praticam por todo o paiz.

Bem haja o nosso prezado collega, de Beja, pelos serviços que já tem prestado, e por aquelles que promete prestar a este assumpto, que é de summa importancia, o que muitos ignoram e outros fingem desconhecer. Segue a local:

Não vem longe o periodo em que, pelas posturas camararias, é defezo caçar lebres, coelhos e perdizes nos concelhos do districto de Beja,

como, de resto, em todos os pontos do paiz. Bom será, por isso, que as respectivas autoridades e camaras municipaes tratem de mandar annunciar as determinações legais que regulam este assumpto.

Muito conviria tambem que fossem dadas as convenientes ordens para que a guarda fiscal, os empregados de obras publicas e os dos caminhos de ferro collaborassem na repressão da caça no periodo defeso, aquelles porque encontrando-se frequentes vezes no campo, teem occasião de presenciar bastantes transgressões, e estes porque facil lhes é obstar a que transitem pelo caminho de ferro muitas peças de caça mortas ou apanhadas abusivamente.

Os proprietários, rendelros e feitores das nossas vastas herdades tambem podiam prestar excellentes serviços á causa do defeso, contribuindo para que se não repetisse o vandalismo de destruir criações e posturas inteiras de caça, sem que com isso aproveite pessoa alguma.

Oxalá todos assim o comprehendam, no seu proprio interesse.

No dia 11 foi prezo o fogueiro Augusto Agostinho, do caminho de ferro por querer sahir da estação de Santa Apollonia com uma porção de caça. A direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes, recomendamos o aprehensor, para o gratificar como merece.

Ha muitos empregados da companhia dos caminhos de ferro que teem grandes culpas, nas transgressões do defeso.

Sociedade de tiro aos pombos

(Tapada da Ajuda)

TEVE lugar no dia 27 de fevereiro o 9.º tiro da epoca d'esta sociedade, comparecendo 11 atiradores: El-Rei, Marquez do Fayal, conde de Ximenes y Molina, Luiz de Sommer, Carlos Duarte Luz, Manuel de Castro Guimarães, Alfredo O'Neill, Oscar Blanc, Davis, Guest Merriam.

Houve 6 series a tiro simples, sendo mortos 93 pombos e ganhando as poules:

Alfredo O'Neill 2 1/2, Marquez de Fayal 1 (duas meias,) Davis 1 (duas meias,) El-Rei, 1/2, Guest 1/2 e conde Ximenes y Molina 1/2.

Um gamo

VIMOS ha dias na loja do sr. João Lopes Reynol, na rua do Ouro, n.º 210, um soberbo gamo de 5 annos, morto pelo sr. Vicente de Souza, no dia 6 d'este mez, em uma das propriedades que o nosso amigo sr. João Facco Vianna possui perto d'Alcochete.

O animal, que foi abatido por um bello tiro, dado na nuca, sahindo a bala junto do olho direito, tinha no couro vastos vestigios de ferimentos já cicatrizados; segundo os entendidos estas cicatrizes eram derivadas de rasgos occasionados pelas hastes de outros gamos, mas a nós isso não nos parece verdadeiro, porquanto é certo que estes animaes quando brigam é sempre de frente, e o gamo abatido onde apresentava mais signaes, era na região dorsal.

Portanto o gamo já havia sido ferido muitas vezes, porém as balas não lhe causaram damno de importancia.

Caçada

PARA commemorar o primeiro anniversario da fundação da Associação dos Caçadores Portuguezes, resolveu a direcção fazer uma grande caçada no dia 25 do corrente.

Os bilhetes de admissoão estão desde já á disposiçao dos socios, na sede da associaçao.

O seu custo é de 1\$500 réis e a inscripção é gratuita por os bilhetes serem pagos na occasião.

Lisboa, 14 de março de 1898.

O Secretario

HENRIQUE ANACHORETA.

Eram uma vez... quatorze perdezis!

HÁ muitos annos, pelo calor, n'um dia de agosto, de abafar, dois caçadores, um, T. que foi muito conhecido em Lisboa e outro L. que era de Queluz, n'uma caçada a que foram ambos, por isso que geralmente não andavam um sem o outro, nos matos de Thalosside

proximo do Cacem, levantaram-se-lhes 14 perdezis.

Foram sobre ellas, como outra couza não era de esperar, e... foi uma vez as quatorze perdezis. Parte no primeiro levante e parte no segundo levante foram todas abaixo!

Que bello tempo; isto passava-se quando havia grande abundancia de caça; bons cães e espingardas de primeira ordem, e... diz-me aqui do lado um confrade, com um arranco d'alma, e... perdezis que se deixavam matar...

SECÇÃO LITTERARIA

Bulhão Pato

DE certas organizações poeticas, espiritos singularmente dotados pela natureza, podemos dizer que o decorrer do tempo, os baldões da vida, os assaltos da má fortuna, a inconstancia da sorte, todo este mar revolto do mundo, o affrontam elles com o olhar sereno, e o animo impavido. N'esta tortuosa navegação, com a experiencia de tantos naufragios—os proprios e os alheios—elles são como esses grandes navegadores que, a despeito dos ventos, dos mares, e dos homens, ainda piores inimigos, não desconfiam da sua estrella, e conseguem chegar ao porto do seu destino!

São estes os poetas de raça, os verdadeiros poetas; para estes não ha annos de prosa. Cantam na mocidade, na primavera da vida; cantam no estio; o outomno illumina-os, doira-os com os tons melancolicos da saudade, e o inverno da vida dá-lhes uma serenidade activa, a tranquillidade das altas regiões espirituales, em que a alma, sempre viva e lucida, na sua constante evolução, alheida das paixões terrenas, vê o spectaculo do mundo, contemplando-o, mas, como a chrysalida, vae-se transformando, para se abrir em novos mundos!

A esta privilegiada familia, a esta aristocracia intellectual, pertence Bulhão Pato. Todos o conhecem, todos o sabem; não é isto novidade, que precise de demonstração.

N'este logar não falaremos especialmente do grande escriptor, das suas altas e finas qualidades de prosador e de poeta. Aqui as letras não são de certo nem extranhas, nem malvindas, mas nos campos soam mais do que os accordes da lyra as trompas e o vozear dos caçadores.

O auctor da Paqueta e do Livro do Monte—o seu ultimo e precioso livro—não é um escriptor sedentario, não é um poeta de gabinete, inventando sensações, compondo com sentimentos imaginarios situações em que nunca se encontrou; não, e os seus livros—poemas, narrativas, cantos, e satyras—a sua prosa e a sua poesia, são obras vividas: estão alli os personagens, as scenas, os episodios, os lances do drama da sua vida, são aquelles o ceu, as terras, os mares, os homens e as mulheres que elle viu, que elle conheceu e que elle amou.

Alma curiosa e sedenta de impressões, as suas aspirações não se limitaram a gosar dos encantos do mundo dos salões; e elle saía d'um baile e partia para uma caçada, e d'ahi para uma larga digressão pelas nossas provincias, ou ia-se de foz em fora até á ilha de S. Miguel, a Hespanha ou á Italia, com um verdadeiro prazer, e não era necessario que elle o dissesse, porque bem se lhe via no rosto que o sentia.

São esplendidas de verdade as suas paizagens, e um toque ou dois dão-nos

a impressão do mundo real,—estamos vendo e ouvindo os seus aldeões, os seus rusticos; os seus olhos fixam e gravam em si para sempre os movimentos, os gestos dos animaes—os da terra e os do ar; e as grandes scenas maritimas, as largas paizagens oceanicas que elle nos pinta—não digo descreve—na Paqueta, são obras primas, quadros agitados, em que o turvar da atmospheria, o assobiar do vento nas enxarcias, o fuzilar do raio e o estalar do trovão, teem tal certeza nos traços, tal viveza no colorido, que, quando os lemos, como que nos aconchegamos no gabinete, tanto a realidade da descripção do tremendo spectaculo se impõe ao nosso espirito!

No mar está o poeta no seu elemento. Nos momentos solemnes, em pleno vendaval, no mar dos Açores, quando os passageiros recolhiam aos beliches, e no convez só se viam os homens da faina com as suas japonsas e os seus nordestes breados, eu vejo, na minha imaginação, na pópa do vapor, quatro vultos, os dois homens do leme, o capitão Telles Machado, velho lobo do mar, e Bulhão Pato. E tudo a postos. Que um temporal n'aquelles mares é de tremer: os naufragios são, ás vezes, ás duzias, quando o vento se levanta e as ondas se encapellam n'aquellas costas!

Era ahi que o poeta recebia a impressão directa do grandioso e medonho scenario das formidaveis tragedias do mar!

Os originaes dos seus quadros viu-os o grande artista bem de perto de dia, e mais temerosos ainda de noite! E com que alto estylo elle os pintou!

Quando o mar de improviso se encapella,
Quem nesse instante accorda, julga um sonho,
Horriavel sonho, o assalto da procella!

A faiscar em virotões o raio;
Ribombava o trovão, inda distante,
O sol, açafroado e de soalho,
Tocara as densas nuvens do levante,
Dando ás cristas das ondas rebentadas,
A espaço, uma tinta coruscante!

Faina geral! O vento desgarrão,
Austral, intercadente, a carregar,
E a rajada maior que o recalmão!
Investindo furiosas, a intestar,
As torvas ondas de fumante espuma,
Co' as nuvens achatadas sobre o mar!

O' mar! quando a refrega violenta
Em pyramide as ondas te alevanta,
Quem se atreve contigo na tormenta?
A besta fera ao teu bramir se espanta:
Sómente o homem te contrasta os impetos!
Elle só contra ti se não quebranta!

Em tuas solidões desamparado,
Olhando para o ceu—que, em taes momentos,
Parece por Satan reconquistado—
Mais audacioso que o furor dos ventos,
Paira acima do horror da natureza,
Como um Deus, por seus altos pensamentos!

Tem o mar os seus amantes, os seus apaixonados, e nós comprehendemos o sentimento de orgulho, que as almas fortes devem experimentar, ao affrontarem as coleras immensas do Oceano!

Levantar-se-lhes o mar em montanhas, e de subito, e logo em seguida, cavar-se-lhes em abysmo verde-negro e medonho, entrevedendo-se lá em baixo as fauces do grande tragador, a bôcca escancarada e o seio da immensa sepultura; soprar-lhes o vento nos cabos o hymno desvairado da procella—os intervallos do silencio tragico cortados pelo gemer arrastado do arvoredo; as investidas d'esse mar, o des-

abar d'essas montanhas, essa baldeação enorme, em que ellas se precipitam, onda sobre onda, e correm e lavam o convez de prôa á pôpa e levam e arrastam tudo! E as lufadas do vento, e as cambiantes da atmosphera, e o fulgur dos relampagos, e o scintillar do raio, os gritos de terror, a pallidez dos rostos, o tremor das vozes, o ancio dos animos, o trepidar dos corações!... E tudo isto a succeder-se na expressão dos olhos, espelhos da alma!... Oh! quem tiver assistido a taes scenas, se duraram horas, pôde contal-as por seculos!

Mas os que escapam ás furias da tempestade, não voltam as costas ao mar! Antes parece que mais lhe ficam querendo! Já o Camões pintou esse amor, quando poz na bôcca do *Adamastor* aquelles versos, desesperados e saudosos:

Todas as deusas do ceu desprezei,
só por amar das aguas a princeza!

* * *

Tem sido navegador o nosso poeta, tambem foi cavalleiro; e quem escapou das tormentas do mar esteve a pique de perder-se em terra, e n'um rio sem agua! Um milagre este, se não maior, pelo menos mais veridico do que o succedido ao bom cavalleiro D. Fuas Roupinho, que o nosso grande poeta Castilho immortalizou na sua *Chacara da Senhora da Nazareth*.

Foi o caso que Bulhão Pato safra a passeio pelos arredores da Arruda, na companhia do visconde de Asseca, Salvador Corrêa, pae do actual titular. O cavallo que elle montava, era um potro d'Alter fogosissimo, e o poeta, então na axuberancia de forças dos vinte annos, deu-lhe largas: o que a principio era trote passou a galope, e na desenfreada carreira chegaram á ponte, pequena e irregular, mas que mede de trinta a quarenta pés d'alto. O parapeito é baixissimo, e o leito do rio estava secco, a descoberto.

Quando Bulhão Pato quiz voltar o potro, ao entrar na ponte, já não podel!... O impulso da corrida era maior, e cavallo e cavalleiro salvaram as guardas, e caíram no leito pedregoso do Sizandro! O cavallo ficou, estava morto: o cavalleiro incolume! Não tinha uma beliscadura! Valeu-lhe o ser magro e de pequena estatura, dirão: valeu-lhe a fortuna, porque o salto era mortal!

Quando alguns homens correram para o lugar d'onde esperavam trazel-o morto, já acharam o poeta de pé, sacudindo o pó de si, e aprestando-se para sair do que quasi lhe fora tumulo! E' impossivel descrever o pasmo que d'elles se apossou, ao verem o cavalleiro dizer-lhes, em tom galhofeiro:

—Vocês vinham para me levar!? Heim! Pois obrigado, eu cá vou andando. Se quiserem levem o cavallo; esse é que de certo não pôde consigo.

Na villa apontavam o poeta, e olhavam-o depois com certa admiração respeitosa. Parecia com effeito que elle cruzara os terriveis humbraes da morte; elle, todavia, preferiu as campinas e as varzeas, o mundo, a que tão cedo o quizera arrancar o fogoso corcel.

E por mares e rios, montes e valles, o viemos acompanhando, e cá estamos com elle nas varzeas e nas campinas, nas vinhas e nos pinhaes—n'uma palavra, nos campos de tiro, no campo das suas caçadas.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁÇA.

VELOCIPEDIA

Real Velo-Club do Porto

REUNIU a assembléa geral do R. V. C. P. para eleição dos corpos gerentes para o anno de 1898, ficando eleitos para a direcção os srs.: Guilherme Faria, presidente; commendador Eduardo Motta Ribeiro, secretario geral; Adolpho Vieira da Cruz, thesoureiro; Camillo d'Almeida, Arthur Rumsey, G. van Kriecken e Ricardo Garcia y Gomez, vogaes.

A direcção, depois de dada a posse, dividiu os cargos da seguinte fórma:

Secção de machinas e material: Ricardo Garcia y Gomez e Camillo d'Almeida; *Velodromo:* Arthur Rumsey e van Kriecken; *Guia:* Alfredo Nunes de Mattos; *Sub-guia:* Nuno da Nobrega Salgueiro; *Commissão de Sport:* Arthur Rumsey, Adolpho Vieira da Cruz, Ricardo Garcia y Gomez e o *guia* Alfredo Nunes de Mattos.

Folgamos immenso com a entrada para a direcção do nosso amigo Arthur Rumsey, um dos fundadores do Club e dos que mais se tem interessado pela causa do cyclismo entre nós. Acertadissima tambem a nomeação do *guia*, que tem sido incansavel quer na organização de passeios, quer nas commissões para que tem sido nomeado.

No domingo, 6, realisou-se o primeiro passeio official d'este anno a Ermezinde, e foi o mais concorrido que até hoje aqui se tem realisado.

Tomaram parte 54 cyclistas, reunindo-se mais alguns na estrada de circumvalação e Oliveiras.

O almoço foi servido no hotel Sobral, em uma ampla mesa collocada no jardim do hotel.

Correu animadissimo, sendo para lastimar que, quasi ao terminar, uma chuva torrencial viesse pôr termo a uma festa que tão boas recordações nos deixou.

Principiou a debandada, com parte dos cyclistas em comboio e outros pela estrada.

O R. V. C. P. principiou a distribuição dos emblemas aos seus delegados.

Este club vac este anno organizar varias excursões pelo norte do paiz.

O sr. Veiga Rego, delegado em Lisboa, foi nomeado representante do R. V. C. P. para assistir á reunião da commissão executiva do centenário da India, para a organização de um concurso velocipedico.

Tem estado animadissimas as sessões de *skating* promovidas pelo R. V. C. P. na nave central do Palacio de Crystal, que para esse fim tem sido illuminada a bicos Auer.

A' sessão de hontem, a que assistimos, concorreram muitos pafinadores, entre outros os srs. Arthur Rumsey, Lacy, Jorge Mattos, Alfredo N. Mattos, Amadeu e Olynth Muaze, Guilherme Puls, Camillo d'Almeida, E. Spratley, A. Kendall Junior, A. Nugent Junior, J. Neves, R. Lopes, N. Salgueiro, Adolpho Vieira da Cruz, J. Salgueiro e F. d'Almeida.

Appareceram muitos socios montando bicyclette.

A proxima sessão é na quinta feira 17 do corrente, tocando uma banda de musica.

Tem estado em convalescença, nas suas magnificas propriedades do Castellinho, o nosso bom amigo sr. Achilles Muaze.

PEDAL CHICO,

Velo Club de Lisboa

NA assembléa geral, d'este prospero club, realisada em a noute de 27 do mez findo, ficaram eleitos os corpos gerentes, pela seguinte forma;

DIRECÇÃO:

Presidente—Frederico Ferreira Pinto Basto, (reconduzido)

Thezoureiro—João de Mattos.

1.º secretario—Victor Perez; 2.º secretario—Fernando Viegas.

Vogaes effectivos—Luiz A. Ricardi, Sebastião Tenorio de Oliveira e Eduardo Silva.

Vogaes supplentes—Teves Vianna, A. Frazão e Antonio Marques.

ASSEMBLÉA GERAL:

Presidente—Joaquim Pessoa, (reconduzido.)

Vice-presidente—Dr. Amor de Mello.

1.º secretario—Augusto Loureiro Martins; 2.º secretario—Joaquim Ferreira.

Supplentes—Joaquim Reis Marques e Julio Marçal.

CONSELHO FISCAL:

A. P., Egydio Costa e Mendes Rocha.

Gymnasio Club Figueirense

REALISOU-SE na terça-feira de carnaval um magnifico sarau infantil carnavalesco.

Tomaram parte 22 creanças que executaram difficeis trabalhos em argollas, barra, trapezios simples, duplo, paralellas, grupos de escadas e exercicios livres.

Foram todos muitissimo aplaudidos e cabem justos louvores ao digno professor do Gymnasio o sr. José Elyseu pela maneira como dirigiu todos os trabalhos e especialmente pela paciencia que demonstrou conseguindo ensaiar alguns exercicios de difficil execucao attendendo á pouca idade de alguns alumnos.

Durante os intervallos houve baile infantil dançando animadamente muitos *bêbês* em costumes.

Foi uma deliciosa festa e é digna de aplauso a direcção do Gymnasio proporcionando aos seus socios diversões d'esta ordem.

Um alvitre

Sob este titulo publica o nosso estimado collega o *Tempo*, de Lisboa, na sua secção de *Sport*, que é superiormente dirigida pelo nosso distincto amigo e collega o sr. Alberto Calleya, Paulo Zitte, a seguinte local, que de todo o ponto achamos magnifica, afigurando-se-nos, com um bocado de boa vontade, tudo se conseguiria. Segue a local:

Annuncia-se para as proximas festas do Centenario da India, um cortejo civico, para cujo brilhantismo vão ser convidadas todas as associações do paiz.

Ignoramos se serão ou não tambem os nossos clubs de sport.

Em qualquer dos casos, não seria possivel um accordo entre todas as collectividades de sport de Portugal, ou só de Lisboa, para se apresentarem no cortejo com um grande carro allegorico onde se fizessem representar os diversos ramos de sport que se cultivam entre nós?

Assim dava-mos ao estrangeiro uma nitida ideia da vitalidade dos clubs portuguezes, e estes contribuiam para que alcançasse melhor exito um dos mais attrahentes numeros do programma das festas.

Ahi fica o alvitre, ainda que, já temos a certeza de que ninguem fará caso d'elle.

Sport Estrangeiro

Paris, 8 de Março de 1898.

PARIS! Paris! é o grito de todo o portuguez que tem aspirações ao Bello e á vida pelo espirito.

Pois meus amigos, se quereis conservar as vossas santas illusões, frescas e roseas como o rosto de uma donzella, da nossa leitora por exemplo, não vindes a Paris n'este momento.

As ruas são intransitáveis e as pessoas que se arriscam a sahir de seu *home* são obrigadas a bem criticas precauções: — arregaçar a calça um palmo acima do calcanhar se é um representante do sexo forte, levantar os vestidos até aos jarretes se é um digno exemplar do sexo bello. A neve attingiu estes dias um palmo de altura e, enquanto o desgelo não começa, caminha-se como sobre sal fino, ou assucar, em pó; em o desgelo começando já se não caminha... escorrega-se e cae-se.

Paris está em relação directa com as lanranjas, e em contraposição com as ostras, não deve ser visto nem frequentado nos mezes que tem *r*.

Visto do Monte Valerien, ou mesmo d'uma eminencia do parque de S. Cloude, offerece-nos um espectáculo desolante—um grande mar de neve d'onde emergem, como em um protesto contra a natureza, á nossa direita a formidavel Torre Eiffel, á esquerda a massa enorme do *Sacré Coeur*, em face o Arco do Triunpho d'onde prendem exóticas stalactites formadas pela neve que cabe constantemente.

A nossos pés e ao longe, as arvores desfolhadas assemelham-se a esqueletos de braços erguidos para o ceu, como que implorando a misericordia divina e chorando a miseria da humanidade. As lagrimas são as gottas da neve que se desfaz pouco a pouco e lentamente, como um collar de perolas que se derretesse no collo eburneo de uma odalisca.

A miseria da humanidade, disse eu! Realmente não é isso o que falta a Paris, a cidade do luxo, a Babylonia do prazer. Ha dias, em uma rusga feita pela policia, só debaixo d'uma ponte que existe ao centro da cidade, praça da Europa, foram encontrados 49 individuos que ali dormiam por não possuirem a insignificante quantia de dois sous, 20 réis, para pagarem o aluguer de alguns palmos de soa-lho em um albergue.

Uma vendedeira de jornaes disse-me ha dias: Em Paris as pedras da calçada são mais duras que em outra qualquer parte.

Eis a philosophia do povo, eis a voz da verdade!

A paixão predominante dos francezes depois do *ruban* na lapella do casaco, são as corridas de cavallos. A primeira que se fez em França foi a 25 de fevereiro de 1766. Já n'esse tempo havia tanto entusiasmo que, diz um contemporaneo, affluiram á *Plaine de Sablons*, proximo do *Bois de Boulogne*, mais de duas mil carruagens.

O cavallo do conde de Lauragais, promotor d'esta corrida, adoeceu; mas para se não dizer que temia ser derrotado, fizeram-no dar uma volta á pista e ficou convencionado que perdia sem ter corrido. Dias depois o cavallo morria e constataba-se que tinha sido envenenado por um inglez, moço de cavallariça do dito conde, que, por patriotismo, não queria que um francez tivesse a fortuna de ganhar a aposta contra um inglez. D'ahi a grande rivalidade que ainda hoje se nota entre os francezes contra os seus visinhos d'Alem Mancha.

FLAVIO.

TAUROMACHIA

Jorge Cadete

Notavel a habilidade hereditaria nos toureiros, e esta qualidade é tanto

mais curiosa, quanto é certo que só no toureiro se encontra.

E effectivamente quantos cantores celebres tem deixado descendentes, que lhes façam honra seguindo as pisadas?

—Quantos musicos de fama, actores conhecidos, pintores distinctos, e maviosos poetas, tem deixado filhos, ou mesmo outros parentes proximos, a quem tenham legado a sua habilidade e maestria no desempenho das diversas especialidades que em vida exerceram?

Pois no toureiro muitos são os que tem honrado o bom nome de seus paes, suplantando-os não poucas vezes, em proficiencia, na arte em que se tornaram distinctos.



Jorge Cadete

Para provar o que avançamos citaremos o que succedeu com os Peixinhos, Robertos, Calabaças, e tambem com a familia do *diestro*, cujo retrato figura no nosso jornal de hoje.

Jorge Cadete é filho d'um homem que foi grande bandarilheiro, e irmão de outro que tambem se tornou celebre, posto que se inutilisasse no fim de pouco tempo.

Emquanto foi amator, isto é, enquanto não se apresentou como artista, estacionou entre o montão dos muitos rapazes que se dedicam ao toureiro, e que nunca adiantam nem atrazam. Depois teve a felicidade de adquirir um amigo bom, leal e verdadeiro, a quem dedicamos tambem a nossa amizade, e que entre a *aficion* é conhecido com o nome de Jayme Henriques.

Este senhor, apreciou em Jorge Cadete os seus bons desejos, e em especial a sua grande habilidade. Dispensou-lhe protecção e fez d'elle um toureiro, satisfação que viu confirmada em 28 de agosto de 1892, quando Jorge recebeu a alternativa na praça do Campo Pequeno.

E essa alegria tem-n'a o distincto *aficionado*, sempre que o nosso Cadete recebe os applausos do publico, que

são dirigidos a um e vão repercutir nos corações de ambos.

E. D'A.

Salvador Sanchez Povedano («Frascuelo»)

SALVADOR Sanchez Povedano, (*Frascuelo*), o eminente matador de touros, nascido aos 21 de dezembro de 1844 em Churriana, pequena povoação da provincia de Granada, falleceu no dia 8 de março corrente em Madrid, em casa de seu genro, o afamado cirurgião-dentista dr. Porras, victima de uma tracheo-pneumonia de caracter infeccioso.

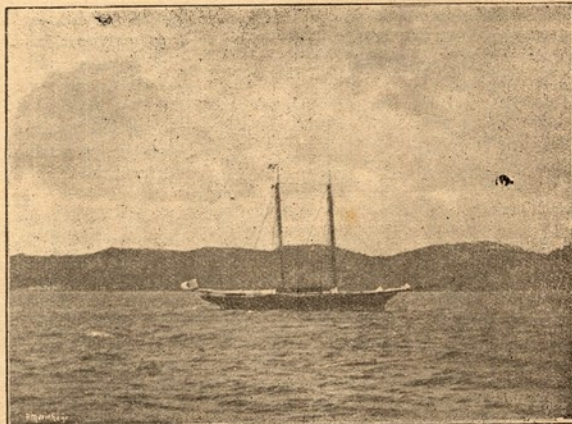
A sua morte deixou extaticos os *aficionados* portuguezes, que não esperavam tão desastroso desenlace, e consternou profundamente o publico hespanhol, que, pôde dizer-se abertamente, adorava com fervoroso culto o finado toureiro.

Para se apreciar isto basta saber-se o que se passou no dia 11 em Madrid, por occasião do seu funeral, dirigido pelo seu competidor *Lagartijo*, em que estavam representadas todas as classes da sociedade madrilena, desde o proletario ao burguez abastado, e desde o mais infimo empregado publico ás MM. e AA.

Frascuelo, no seu principio, luctou com as difficuldades com que todos os aspirantes a toureiro tem que lutar, se não contam com algum protector que os auxilie. Felizmente para elle o bandarilheiro Juan Motta, a quem uma vez pediu uma capa emprestada, concedeu-lhe a amizade e protecção de que carecia, e o novel toureiro granadino de então conseguiu sobresahir ao lado de matadores de tom, como eram *Tato* e Caetano Sanz, chegando a tomar a *alternativa* de matador de touros em Madrid, no dia 27 de outubro de 1867, das mãos do afamado *Cuchares*.

Desde esta data até 12 de maio de 1890, dia em que se despediu do publico da capital de Hespanha, dando a *alternativa* ao seu afilhado Antonio Moreno (*Lagartijillo*), pôde dizer-se que os seus triumphos foram ininterruptos, tendo contudo a lamentar muitas colhidas de extrema gravidade de que, todavia, se salvou mercê da sua grande energia e comprovada robustez.

Convem nctar que *Frascuelo*, as peiores feridas que soffreu, occasionadas pelos touros, foram devidas ao seu amor pelos companheiros, aos quaes acudia sempre com uma tão grande oportunidade e tal exposição que não poucas vezes foi prejudicado, como lhe aconteceu em 15 de abril de 1877. N'esta tarde, o arrojado matador,



Yacht-Lia

Elegante barco de recreio pertence te a El-Rei D. Carlos. De uma photographia de Wm. Hooton de Londres

para salvar o seu companheiro Manoel Hermosilla, ficou gravemente ferido pelo touro *Guindaletto*, que depois chamaram *Lagartijo*, pertencente ao *ganadero* Adalid.

Repосто d'este incidente, torna a ser colhido tempos depois, tambem muitissimo gravemente, pelo touro *Peluquero* na corrida do *Grande Pensamiento*.

Como se vê foi Salvador Sanchez, além d'um toureiro de fama, pouco dado a adornos e mentiras, um matador dos mais completos e classicos que teem existido, e um homem dos mais valentes e formaes que teem honrado a arte taumachica no visinho reino.

Carta de Madrid

A CERCA da ultima corrida de novillos de José Pereira Palha Blanco, realisada em Madrid no dia 23 de fevereiro ultimo diz o valente matador Sebastian Silvan (*Chispa*) em carta que dirige a um nosso amigo:

«Dos touros do sr. Palha lidados honrêtem n'esta, tres sahiram bravissimos e os outros tres regulares, mas todos eram de boa presença e nobres como *burricos*.

«Os matadores *El Valenciano*, Felis Velasco, e *Bonifa* lidaram regularmente os seis *moruchos* mas podiam tel-os toureado melhor porque a nobreza não lhes faltava.

«O 3.º touro, que compete a *Bonifa* estoquear foi retirado vivo ao cursel.»

Não obstante esta opinião, que é insuspeita, os jornalistas hespanhoes mostraram-se muito pouco prodigos de elogios a respeito dos Palhas.

Questão de patriotismo, talvez.

Telegramma

ZARAGOZA, 13, ás 7 e 20 tarde. Na corrida de touros havidá hoje n'esta praça, o espada *chispa* estoqueou superiormente quatro rezes de D. Antonio Mina, de Sevilha, sendo immediatamente contratado para mais duas touradas.

C.

Em breve circunstanciaremos esta noticia, especializando as proezas do applaudido novillheiro em cada um dos seus touros.

E. d'A.

Garraia da

TEVE logar no domingo, 20 de fevereiro, no magestoso *colyseu* da Figueira da Foz uma garraia promovida por um grupo de socios do *Gymnasio Club Figueirense*, em beneficio do *Monte-pio Figueirense*.

Os amadores que tomaram parte n'esta diversão pisavam pela primeira vez a arena, mostrando alguns especial aptidão para este genero de divertimento.

O *peessoal* era o seguinte: cavalleiros, Albano Custodio e Joaquim de Barros.—bandarilheiros: Julio Pestanha, Augusto Coelho, Rocha da Fonseca, Adriano de Barros e Antonio Roque.—Moços de forcado: Antonio Monteiro, Constantino Pessoa, Pedro Callet Meygret, David Vianna e João Vianna.—Moços de curro: Joaquim Carriso e João Rebello.—Campinos: José Fialho e José Pinto.—andarilhos: Albano Custodio Junior e Joaquim Fialho.

Tomaram tambem parte n'esta corrida o distincto amator taumachico Mário Duarte, que gentilmente annuiu ao convite feito pela commissão, e o bandarilheiro de Lisboa, José Martins (Azeteiro) encarregado de coadjuvar os amadores.

Foram corridos 6 garraios do novel *ganadero* da Carapinha, Alberto Vaz. O gado pôde dizer-se que cumpriu, admirando-nos sobretudo do bom tratamento que mostravam, attendendo epocha em que nos achamos.

No 1.º garraio, que foi o que menos se pres- tou á lide, conseguiu Albano Custodio collocar

3 ferros com bastante trabalho. O animal era traioceiro e deu algumas recargas, fazendo n'uma d'ellas, Antonio Roque, um esplendido *quite*.

No 2.º prendeu Rocha da Fonseca 2 meios e Julio Pestana 2 pares e meio, sendo o trabalho d'este amator muito apreciado.

Depois de uns *passes* de capote de José Martins, fez Antonio Martins uma rija pega de cara, sendo delirantemente applaudido.

O 3.º coube a Augusto Coelho, que collocou com bastante arrojo e alguma arte, 3 pares e meio.

Deu depois razoavelmente uns passes de capote que lhe valeram estrondosa ovação, sendo em seguida o bicho pegado por David Vianna.

O 4.º foi farpeado com *maestria* por Joaquim de Barros, collocando-lhe 5 ferros, havendo a notar o admiravel sangue frio e arrojo com que procurava a rez, demonstrando decidida vocação para este genero de toureiro.

Teve chamada especial e foi muito applaudido.

No 5.º, bandarilhado por A. Barros, R. Fonseca e J. Pestana, apenas se prenderam alguns meios.

O 6.º, coube ao distincto amator aveirense, Mário Duarte.

Collocou 3 pares a primor, sendo muito victoriado.

Mário Duarte auxiliou muitissimo com o capote *os principiantes*, assim como o bandarilheiro José Martins, que muito contribuíram para que não houvesse durante a lide o mais pequeno ferimento nem os classicos trambolhões das corridas de amadores.

A *intelligencia*, confiada ao distincto *aficionado* Carlos Pestana, foi acertada.

Emfim, tudo concorreu para que se passasse uma tarde agradável, cabendo justos elogios á commissão que conseguiu em curto espaço de tempo, angariar elementos para uma festa d'esta ordem.

Esta commissão, que era composta dos srs. J. Camolino de Sousa, J. Carlos da Silva Pinto, Julio Pestana, Albano Custodio, José Cordeiro de Mattos, Antonio Vaz e P. Ferreira, acha-se muitissimo grata á ex.^{ma} direcção do *Colyseu Figueirense*, que generosamente se dignou ceder a praça, sendo este um dos maiores auxilios que a commissão recebeu.

Abrilhou esta festa a Philharmonica 10 de agosto.

DIVERSAS

Exposição de imprensa

Recebemos o plano, programma e regulamento, d'esta exposição, uma das mais bellas manifestações da iniciativa particular, que, com certeza, distinguirá a celebração do Centenario da India, e devida á benemerita *Associação da Imprensa Portuguesa*

Acompanha este trabalho a circular convite, para nos fazermos representar, tudo assignado pelos nossos distinctos collegas os srs. A. H. da Silva Pereira, Sebastião da Silva Leal, J. V. Andrade Neves, Heliodoro Salgado e Alberto Bessa, secretarios; que compõem a commissão promotora da exposição.

Agradecemos a remessa e desde já declaramos que *O Tiro Civil* concorrerá, como é seu dever, com a sua colleção ao *Sexto grupo Rebello da Silva*, que é o que, naturalmente, lhe está designado.

Caso veridico

CERTO sujeito nosso conhecido, que está collocado como escrivão n'uma rendosa comarca, e que tem um irmão padre, foi ha tempo a uma feira perto de Lisboa acompanhado d'este seu irmão, com idéa de adquirir um cavallo.

Viu alguns examinando-os com minucioso cuidado, até que nas mãos d'um cigano encontrou um que lhe pareceu bom.

Entrou em ajustes, regateou muito e por fim o sacerdote, já aborrecido da algarviada do *gitano*, e da cerrada argumentação do irmão, metteu-se de permeio approvando o preço exigido por aquelle.

O nosso burocrata então, que já havia percebido no ginete certo defeito, até ali desconhecido, e pretendendo dar uma lição ao seu parente e ao vendedor intrujão, dispara-lhes a seguinte historia:

Padres, Frades, Escrivães e Ciganos

Quando andava o Senhor pelo mundo foram visual-o os padres.

O Senhor perguntou-lhes o que queriam, e elles responderam:

—Dinheiro.

—E' o que sempre haveis de ter, lhe disse.

Depois chegaram os frades e tambem lhe pediram dinheiro: respondeu-lhes o Senhor:

—Levaram-n'o os padres.

—Pois teremos paciencia.

—Paciencia tereis.

Logo em seguida foram os escrivães.

—Que quereis?

—Dinheiro, Senhor.

—Não pode ser, levaram-n'a os frades.

—Oh! que enredo!

—Sim, pois isso mesmo tereis, enredos.

Atraz dos escrivães chegaram finalmente, os ciganos.

—Que quereis? lhes disse o Senhor.

—Queremos dinheiro.

—Já é tarde levaram-n'o os padres.

—Então, Senhor, paciencia.

—Não pode ser dei-a aos frades.

—Ora essa! Que enredo!

—Os enredos pertencem aos escrivães.

—Oh! Isso é um roubo!

—Sim, sim, pois d'isso mesmo é que tereis de viver, pois que é o que vos resta.

Desde então, o dinheiro é dos padres; a paciencia dos frades; os escrivães vivem dos enredos; e os ciganos do roubo.

Dito isto retira-se deixando o irmão de muito mau humor e o cigano de bocca escancarada.

E. d'A.

As nossas gravuras

Raymundo Antonio de Bulhão Pato

NA secção litteraria, em artigo especial do nosso bom amigo e primoroso escriptor Zacharias d'Aça, nos referimos ao grande poeta. De ha muito, nutriamos o desejo d'esta homenagem, que *O Tiro Civil* contava como uma das suas mais sagradas dividas; fica pois, hoje, satisfeita.

Caçada aos patcs e galeirões

NO nosso n.º 132, de 15 de fevereiro ultimo nos referimos a esta magnifica caçada.

Jorge Cadete

EM artigo especial e na secção *taumachica* nos referimos mais largamente a este novel e distincto toureiro.

Yact «Lia»

BELLO barco de vela pertencente a S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I.

De bonitas formas e muito veleiro é um dos Yactes que figuram na esplendida frota registada na Real Associação Naval.

Correspondencia

A. S. P. da C.—Rio de Janeiro—Recebemos a sua carta, flca ao seu dispor o saldo de 620 réis.

J. G. M. *Enora de Alcobaca*.—Recebemos no dia 4.

J. G. G. *Setubal*.—Como deve ter visto pela cinta, o jornal foi enviado, o correio é que não deu com a caza.

R. G. J. G. *Porto*.—Pedimos desculpa de não podermos publicar o resto n'este numero, vai no seguinte.

J. P. dos S. *Chança*.—No proximo numero publicamos, com muito prazer, a sua carta.

Editor responsavel—Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL—Officina typographica